

MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: A CULTURA JUVENIL NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Alexssandro Aparecido dos Santos¹
Tiago Costa Sanches²

Resumo: O objetivo desse artigo é fazer uma análise do processo de aprendizagem de estudantes do ensino público que se encontram em zonas desprivilegiadas do município de Foz do Iguaçu, trabalhando como cultura primeira a música. Na nossa atual sociedade o jovem de periferia não encontra muito espaço para se construir como sujeito social, se depara com enormes barreiras diante o dispositivo escolar e o mercado de trabalho, mas encontram na cultura esse espaço, ou seja, a música se torna uma válvula de escape para esses, no qual constroem suas relações pessoais e muitos acabam criando de certo modo uma resistência a autoridade e a estrutura que o dispositivo escolar os impõe. Nossa análise consiste em observar como a cultura juvenil que vem a ser influenciada pela música se dá em contato com a cultura escolar e como esta cultura pode auxiliar no processo de aprendizagem da história local. Sempre com um olhar sobre a realidade social do educando.

Palavras-chave: Música. Aprendizagem histórica. Cultura juvenil.

Resumen: El objetivo de este artículo es hacer un análisis del proceso de aprendizaje de estudiantes de la enseñanza pública que se encuentran en zonas desfavorecidas del municipio de Foz do Iguaçu, trabajando como cultura primera la música. En nuestra actual sociedad el joven de periferia no encuentra mucho espacio para construirse como sujeto social, se depara con enormes barreras ante el dispositivo escolar y el mercado de trabajo, pero encuentran en la cultura ese espacio, o sea, la música se convierte en una válvula de escape para esos, en el que construyen sus relaciones personales y muchos acaban creando en cierto modo una resistencia a la autoridad y la estructura que el dispositivo escolar los impone. Nuestro análisis consiste en observar cómo la cultura juvenil que viene a ser influenciada por la música se da en contacto con la cultura escolar y cómo esta cultura puede auxiliar en el proceso de aprendizaje de la historia local. Siempre con una mirada sobre la realidad social del educando.

Palabras clave: Música. Aprendizaje histórico. Cultura juvenil.

1 Graduando do curso de História Licenciatura da Universidade da Integração Latino-Americana.

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professor do magistério superior da Universidade Federal da Integração Latino Americana – e membro do grupo de pesquisa LEHAL – Laboratório de Pesquisa em Ensino de História na América Latina – UNILA

INTRODUÇÃO

Efetivamente consideramos que trabalhar com jovens estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas requer grande empenho por parte dos profissionais da educação para que as aulas não se tornem tediosas e extenuantes, bem como não se crie uma grande e distante lacuna entre o conteúdo trabalhado em sala de aula e a realidade vivida pelos estudantes fora do ambiente escolar, isto é, pode vir a gerar apatia e desinteresse por parte dos discentes.

Nesta pesquisa, partimos da ideia de que quando esses jovens se encontram em uma situação desprivilegiada social e economicamente, com muito menos recursos ao acesso às informações, ou com pouco contato com outros tipos de conhecimentos e vivências é possível notar dificuldades apresentadas nas escolas públicas brasileiras, principalmente aquelas encontradas nos cinturões periféricos.

Quem está inserido mais abaixo na balança da desvantagem necessita refletir sobre a sociedade que nos cerca, compreender os mecanismos estruturais da vida que se apresenta através da perspectiva e mentalidade capitalista. No ensino de história, a consciência histórica pode auxiliar esse jovem a compreender o tempo presente, e também a expressar-se, pensar por si só e questionar os detentores e articuladores do poder político, econômico e social, ou seja, construir seus próprios valores, uma tarefa que não é facilmente alcançável.

Escolhemos trabalhar por meio do intermédio da ótica da cultura musical juvenil, escolhendo como ponto de partida o rap, que na sua essência nasce dos nichos sociais considerados mais baixos e por sua vez acaba dando voz a aqueles que a elite tenta calar todos os dias. Portanto, a cultura que abarca o rap (ritmo e poesia), traz consigo o ato de protestar, expondo o descontentamento com a realidade já pré-estabelecida antes mesmo do indivíduo nascer. Podemos pensar a música e neste caso o rap como uma ferramenta didática estimulante para aprendizagem histórica, podendo vir a mobilizar com os jovens o passado por meio das suas próprias experiências sociais do presente.

O rap de origem jamaicana surge em meados dos anos 60, é levado por imigrantes para as ruas periféricas dos Estados Unidos da América, ganhando grande proporção de jovens indignados com as injustiças sofridas diariamente, portanto, o rap nasce sob um viés político, emergindo em um contexto de forte opressão social perante as classes mais abastadas e se conectando com as questões sociais e econômicas.

Ainda hoje permanece essa essência do rap com seu aspecto de protesto e não aceitação do que já é dado. Às letras e críticas se debruçam sobre o passado para criticar e,

principalmente, refletir a atualidade, criando um certo estado de indignação. Podemos pensar que esse modo de se expressar é muito vivo entre os jovens, principalmente os que estão imersos nos cinturões periféricos das cidades, sendo um potente elemento para se desenvolver uma via de comunicação entre professor e estudante e vice-versa, uma vez que leva para a sala de aula elementos que estejam diretamente ligados à cultura popular do cotidiano dos jovens.

Além dos muros da escola, existe uma pluralidade cultural enorme, sendo assim, o sujeito já carrega tal bagagem cultural por onde passa, então, provavelmente, quem escuta e se atenta as letras de rap se nutre de reflexões referente ao passado, ao presente vindo até a questionar o futuro, ou seja, teriam uma referência, uma base, para desenvolver suas próprias interpretações dos fatos históricos, assim já tendo predisposição a promoção de uma consciência histórica.

A música já foi objeto de investigação no ensino de história, podemos citar como exemplo o trabalho realizado por Heleno Brodbeck³, que nos mostra que o primeiro aspecto a ser considerado ao utilizar música em sala é a cultura juvenil. Na periferia, a cultura juvenil esta marcada pela experiência do sofrimento, trazendo à tona toda a questão de exclusão social e da violência com quem se encontra nos cinturões periféricos. Neste sentido, Brodbeck fez uma investigação qualitativa na escola, usando a música “Us guerreiros” do *rapper* Rappin Hood, escolhida para falar do passado e sobre a resistência do povo negro africano no Brasil para tratar o que ele chama de conceitos substantivos. Porém, a partir das respostas dos alunos, Brodbeck percebeu que não foi dado destaque aos conceitos objetivos, mas para o tema do sofrimento.

Dentre os conceitos de segunda ordem destacados pelos estudos na área da Educação histórica, o escolhido para a reflexão foi o de empatia histórica, tendo em vista a possibilidade de investigar a compreensão histórica dos jovens alunos acerca de ações e práticas de sujeitos em um outro tempo. (BRODBECK, 2009, p.7)

Neste sentido, a presente pesquisa busca mostrar a possibilidade de usarmos a música como instrumento em sala de aula usando-a como fonte histórica e por meio desta analisar a interpretação do estudante referente ao tema proposto que é a formação.

Para alcançar estes objetivos primeiramente realizamos um estudo sobre os trabalhos que abordam a história de Foz do Iguaçu, trazendo assim além de uma revisão bibliográfica

³ Heleno Brodbeck possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Paraná (2004). Atualmente é professor da Rede Pública de Ensino. Mestre em Educação na UFPR na linha Cultura, Escola e Ensino, com pesquisa desenvolvida na área da Educação Histórica. Interesse em investigações voltadas ao campo da Didática da História, com ênfase nas relações entre Música e História.

sobre o tema elementos que nos auxiliaram na preparação e execução das oficinas. Em seguida, foi apresentado como esse modelo de oficina foi aplicado em uma aula de história em um colégio público da cidade de Foz do Iguaçu, abordando o tema da história da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, contextualizando como foi o período do seu desenvolvimento e o que aconteceu depois do término da obra.

Posteriormente, foram apresentadas algumas ideias de Paulo Freire (1996) sobre a importância da cultura na aprendizagem, de Snyders (1988) sobre Cultura Juvenil e Peter Lee (2016) sobre aprendizagem histórica. Com esses autores buscou-se explorar a possibilidade do uso da música no ensino de história e, por consequência, uma atribuição de sentido do estudante ao que lhe foi apresentado, ou seja, analisar se os alunos são capazes de fazer uma interpretação de fontes históricas através da música.

2. POR QUE A MÚSICA?

*“A música é capaz de reproduzir, em sua forma real, a dor que dilacera a alma e o sorriso que inebria.”
Ludwig van Beethoven*

Por possuir uma certa afinidade pela música desde a infância e por ser um músico não profissional, pensamos em realizar uma pesquisa sobre o uso de canções como fonte histórica no processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, nos baseamos no trabalho de Cristina Elena Taborda Ribas⁴.

As Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual do Ensino para a disciplina de História (2008, p. 78) também evidencia o uso de “imagens, livros, jornais, histórias em quadrinhos, fotografias, pinturas, gravuras, museus, filmes, músicas são documentos que podem ser transformados em materiais didáticos de grande valia na constituição do conhecimento histórico.” A ainda ressalta que “podem ser aproveitados de diferentes maneiras” em sala de aula, ou seja, esses documentos servem como fontes históricas a fim de estabelecer relações entre o passado e trazer significado ao sujeito envolvido no processo de aprendizagem. (RIBAS, 2015, p. 12633).

De fato, há possibilidade de utilizar variadas fontes em uma aula de História, como no caso da música, também sendo uma ferramenta com grande potencial para se trabalhar a História com os jovens em sala de aula. Assim, partindo do conceito de “cultura primeira” de

⁴ Professora de História da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, atuando como técnica pedagógica da disciplina de História na SEED-PR. Formada pela FAFIJA/UENP, especialista em História, Cultura e Sociedade pela mesma instituição.

George Snyders, que considera o conhecimento prévio do aluno, pretende-se compreender como essa utilização das músicas podem contribuir na aprendizagem histórica dos alunos.

De acordo com Snyders (1988) e Paulo Freire (2016), não víamos sentido em apenas apresentar um estilo musical que nos é familiar, mas também ouvir o que os jovens têm a dizer sobre a música apresentada e realizar perguntas sobre o que eles estão acostumados a ouvir. Posteriormente, tais canções foram utilizadas como fonte histórica aonde buscou-se analisar a interpretação dos alunos diante sobre o tema: formação das periferias em Foz do Iguaçu.

3. FOZ DO IGUAÇU - FORMAÇÃO DAS PERIFERIAS

O trabalho buscou analisar uma experiência de aula oficina sobre a história de Foz do Iguaçu a partir do uso de músicas, sendo assim, pensando na realidade da cidade supracitada, foi abordada a questão das periferias na região, que pelo *boom* da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, muitos trabalhadores foram atraídos para a cidade com a propaganda de oferta de emprego. Mesmo após o término da construção, esses operários permaneceram no município, ocasionando um crescimento expressivo da população, tal como nos apresenta o professor Odirlei Manarin⁵.

Em 1974, Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná, era uma cidade quente e poeirenta, com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil pessoas assustadas com o movimento humano que começava a perturbar seu ritmo pacato de viver. O impacto pode ser mensurado pelo crescimento vertiginoso da população urbana no município: em 1970, Foz do Iguaçu tinha 20.147 habitantes; dez anos depois. A população havia quintuplicado: 101.447 pessoas. As notícias da construção da hidrelétrica e o desembarque em massa dos primeiros contratados para trabalhar na linha de frente do projeto, ao mesmo tempo que encantavam, deixavam a cidade polvorosa. (MONTEIRO, op. cit. p. 58 apud MANARIN, 2008, p.37)

Para entendermos essa problemática, foi feito uma análise nas ideias de Luiz Eduardo Catta⁶, que realizou um trabalho sobre os moradores da cidade em relação à Itaipu, tomando como ponto de partida perguntas de como chegamos a tal ponto nos dias atuais? No que se refere a problemas históricos e sociais ou o porquê da cidade sofrer com tanta violência e outros.

⁵ Licenciado em História pela UNIAMÉRICA (2005), mestre em História pela UNIOESTE (2008). Doutorando em História pela UNIOESTE [em andamento]. Professor de História na Rede Pública do Paraná (Ensino Fundamental e Médio) e professor no curso de História da Faculdade Uniamérica.

⁶ Possui doutorado e pós-doutorado em história pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Para Catta (1994), tudo começou na época em que a serena cidade de Foz do Iguaçu vinha recebendo a notícia que o governo militar estava instaurando um plano de governo de modernização para ascensão do país, ou seja, o município começaria em pouco tempo a sentir esse efeito. Ainda segundo o autor, este “progresso” tomaria conta do país, e onde a modernização não havia ocorrido, apresentou uma forma de gerar riquezas com rapidez e concentração de ganho em poder de poucos, produzindo problemas sociais. Neste sentido, quem sofreu as duras consequências foram os trabalhadores menos qualificados, iludidos pela ideia de progresso.

Por volta dos anos de 1970, no regime militar brasileiro, Foz do Iguaçu foi um grande atrativo por sua localização, por ser um município de tríplice fronteira, Ciudad del Leste (Paraguai) e Puerto Iguassu (Argentina) e pela sua pluralidade natural de grandes rios e sua diversidade florestal. Catta (1994), destaca que a cidade sofreu grandes mudanças em pouco tempo, como a migração de pessoas que ali antes não habitavam, induzidos pela grande propaganda de progresso e oferta de trabalho.

O autor mostra os efeitos tanto dos moradores que viviam na cidade antes do início da construção da Hidrelétrica, como daqueles indivíduos que vieram trabalhar no município e acabaram permanecendo no local após a conclusão da obra, não regrediram ao seu lugar de origem, ocasionando um aumento populacional na cidade.

Tentando focalizar sua história numa perspectiva panorâmica, dentre tantos acontecimentos que se mesclaram com o passar do tempo, e que deixaram suas marcas indeléveis em todo o contexto da cidade, nenhuma a nosso ver, teve tanta importância como o marco espaço-temporal representado pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu entre os anos de 1973 e 1991, que significou entre outras coisas, o início de uma sistemática destruição de todo um acervo cultural criado, conquistado por seus antigos moradores; a atração de milhares de trabalhadores de diversos lugares e que deixou, em seu estertor, um contingente imenso de desempregados ou sub-empregados, cuspidos que foram da empresa com o término das obras, e que passaram a buscar alternativas de trabalho na cidade. (CATTÁ, 1994, p.4,5).

Neste sentido, com esse crescimento inesperado os trabalhadores que vieram para a cidade tiveram que se sujeitar com moradias precárias e até mesmo ocupar lugares de difícil acesso.

Deserdados e aventureiros, passaram a se aglomerar em favelas, que proliferaram-se não apenas na periferia da cidade, mas também nas áreas centrais, ou bairros populares, sem infra-estrutura básica, que pelo seu crescimento e pela vida própria que tomavam, surgiam como uma ameaça às elites e à população bem-nascida de Foz do Iguaçu. (CATTÁ, 1994, p,5).

Catta (1994) afirma que houve um forte investimento da Itaipu em infraestrutura no município como avenidas, escola, vilas, entre outros, mas também não deixa de mostrar que

na década de 1990, o aumento populacional criou uma certa deficiência estrutural na cidade que, por sua vez, não estava preparada para a recepção de tantos moradores de uma só vez, ou seja, a criação da Itaipu gerou várias oportunidades de emprego e moradias, entretanto, nem todos tiveram oportunidade de acessar esses recursos. Diante disso, as pessoas começaram a recorrer ao trabalho informal no Paraguai, conhecido como “laranjas⁷” e “sacoleiros”, expondo-se a todo tipo de risco social.

Esta discussão sobre os impactos negativos da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu é muitas vezes relativizada por uma cultura histórica local de enaltecimento deste período, limitando a historiografia sobre o tema. Ou seja, quando ouvimos dos moradores de Foz sobre a história da construção da Usina, apenas é relatado os pontos positivos e como ela representou um grande “progresso” no desenvolvimento local.

4. CULTURA DO EDUCANDO E APRENDIZAGEM

Este trabalho buscou refletir sobre o uso de músicas no ensino de história local com alunos de uma escola pública de Foz do Iguaçu, este recorte teve influência das leituras, discussões e pesquisas realizadas durante o percurso de formação docente do autor. Cabe rapidamente ressaltar que na participação nas disciplinas de Laboratório de Ensino de História I, II e III, e disciplinas de Estágio Obrigatório I, II e III, do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino Americana⁸, foram debatidos os cuidados necessários com o conhecimento prévio dos alunos em nossas aulas. Neste sentido, Freire (1996) problematiza sobre o problema de o professor excluir o conhecimento que o aluno traz de casa.

Freire (1996) aponta como os professores devem ser democráticos com o que os alunos trazem de conhecimento prévio e a todo momento devemos fazermos uma prática rigorosa metodológica do tema que estamos abordando, que devemos aproximar dos objetos cognoscíveis.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o

7 Trabalhadores da fronteira de Foz do Iguaçu que transportam e revendem mercadorias ilegalmente (Cf. CARDIN, 2011).

8 Disponível em: <https://www.unila.edu.br/cursos/historia-licenciatura>. Acessado em: 05 dez. 2018.

discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. (FREIRE, 1996, p.28).

Freire apresenta a importância de não excluirmos o que o aluno traz da sua vivência, ou seja, o professor não precisa necessariamente apenas usar os materiais didáticos disponíveis na escola, mas também pode usufruir de recursos externos trazidos pelos alunos e assim vincular ambas as partes para se ter um aprendizado de fato.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser e alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Porque não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 1996, p.15).

Diante disso, o autor enfatiza a importância de se respeitar a vivência do estudante, compreendendo aquilo que o estudante já vivencia em seu cotidiano, na comunidade onde mora, entre outros, o aluno pode chegar a uma conclusão sobre um determinado assunto atribuindo sentido a uma aula de história.

Freire (1996), traz a crítica à visão do professor como o único detentor do conhecimento e que ele apenas deve transferir conhecimento e os alunos devem aceitar tudo aquilo que lhes é imposto.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando eu entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p.47).

Por conseguinte, o professor acaba criando um vínculo com o aluno, que poderia antes enxergar o professor com uma imagem doutrinária e impositiva, a um indivíduo que está apto a falar e também ouvir o que o discente tem a dizer, ou seja, o que Freire (1996) nos mostra é que criando esse diálogo entre os dois, discente e docente, eles podem produzir conhecimento juntos.

5. CULTURA JOVEM E APRENDIZAGEM

Outro elemento fundamental na preparação e execução da aula oficina sobre história de Foz do Iguaçu, desenvolvida neste trabalho, se apoia no conceito de cultura primeira dos alunos, indo desde a preparação das aulas até os objetivos da oficina. Em pedagogia progressista apresentada na obra *Em busca da alegria na escola*, de Georges Snyders (1988), vemos a ideia que devemos repensar a escola, sua própria função bem como suas relações com a cultura que a envolve. Não obstante, a função da escola seria fornecer alegria e ao mesmo tempo trazer a renovação dos conteúdos culturais. A escola deveria ser um lugar em que ocorre satisfação cultural e existencial por parte dos que ali frequentam.

Snyders traz o alvitre de encontrar a alegria na escola e a de propor uma cultura satisfatória voltada para a transformação do estudante. Vale destacar que Snyders levanta reflexões a respeito dos compromissos democráticos e culturais escolares com a música. Para ele, a escola deve proporcionar aos jovens as progressivas alegrias dos encontros com a música. O professor, nesta perspectiva, deve estar familiarizado com o universo musical, a fim de desenvolver sua tarefa adequadamente e de apresentar novos tipos de experiências musicais aos alunos, entretanto, não podemos deixar de pensar na possibilidade do uso de músicas, letras, poemas nas aulas de História, a fim de ajudar os estudantes a se encontrarem com o caminho crítico e um pensamento autônomo, sempre partindo da realidade dos educandos, ideia proposta por Georges Snyders.

Uma vez que a presente pesquisa é voltada para alunos dos cinturões periféricos, o rap aparece como uma possível opção. A partir dos conceitos de cultura primeira e a cultura escolar de Georges Snyders⁹ analisamos como a cultura juvenil entra em contato e se comporta diante da cultura escolar, podendo vir a criar um atrito cultural, no qual o estudante pode vir a desenvolver resistência à autoridade escolar ou, se a partir daí, pode nascer um diálogo cultural em que professor e estudante traçam uma aprendizagem histórica.

O modo como as aulas de história serão interpretadas por esses estudantes que possuem uma proximidade com uma arte poética, que muitas vezes recheada de embasamentos históricos por fazerem parte de um corpo teórico preciso e poderoso. Portanto, a cultura escolar estabelece como a escola vai funcionar, as regras aplicadas, seria como as práticas em geral encontradas neste ambiente, em suma ela é o que a sociedade valoriza, sendo legitimada por lei e a cultura juvenil que Snyders também classifica como cultura primeira, uma cultura imediata, formada no cotidiano não sistematizada.

9 Filósofo francês, qual se debruçava diante as “ciências da educação” e autor de distintas obras voltadas para a área da pedagogia.

6. APRENDIZAGEM HISTÓRICA – ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO

Para compreender as formas e funções da aprendizagem histórica buscamos nas discussões da Educação Histórica elementos que nos auxiliassem no planejamento das aulas oficinas. Neste sentido, a partir do autor Peter Lee (2016), apresentaremos o que chama de literacia histórica, que para chegarmos a atribuição de sentido que o aluno precisa obter após uma aula de história com os métodos que estão sendo apresentados.

Segundo Lee (2016) a educação histórica está sujeita a ser vulnerável a agendas políticas ou educacionais que procuram ser incorporadas ao currículo ou ser um caminho para a cidadania ou valores comuns patrióticos, ou seja, ela está limitada de tal forma que apenas serve para formar cidadãos que não questionam um passado.

A Educação Histórica, como a liberdade de expressão, não pode nunca ser considerada como certa. Em alguns países europeus ela está atualmente sob a ameaça de agendas de cidadania e cívicas, por um lado, e agendas “de fusão”,no outro. O desejo de usar a história como um suporte para a coesão social ou mesmo o ressurgimento nacional parece prosperar em uma era da migração, da incerteza sobre as consequências do multiculturalismo e da busca por alguma base legítima de afirmação de valores “comuns”. Enquanto isso, com a concorrência da China e da Índia aumenta, os políticos procuram novas maneiras de simplificar o currículo, em um esforço para assegurar que as competências exigidas pelas empresas possam encontrar espaço nas escolas. Apesar de se falar de uma “economia do conhecimento”, a pressão sobre o currículo parece ser para as escolas treinarem uma mão de obra eficaz. (LEE, 2016, p.110).

Lee (2016) faz uma discussão sobre Educação histórica e os obstáculos que ela enfrenta. Também enfatiza que devemos evitar temas como “tradicional versus progressista”, “centrado na criança versus centrado na matéria” e “habilidades versus conteúdo”, que têm produzido muita confusão na literatura. Neste sentido, ele nos mostra o exemplo de história tradicional no Reino Unido.

No Reino Unido, a noção de ensino de história “tradicional” tornou-se ligada com o que David Sylvester, fundador do influente e bem-sucedido “Conselho de Escolas Projeto História 13-16”, chamou de “a grande tradição”. Esta versão do ensino de história, que é concebida como sendo uma espécie de estado estável” antes das mudanças no final dos anos sessenta até meados dos anos setenta, é exemplificada no Conselho de Publicações de Educação desde o início do século XX e é retratada como tendo tratado a história como uma fonte de exemplos morais em uma história nacional dominada por “grandes homens”. (SYLVESTER, 1996 apud DICKINSON, 2000, p. 87-8).

Vemos que o Lee (2016), cita o exemplo de que a história já foi utilizada de forma tradicional como no Reino Unido era utilizada para certa “ordem” ou se preferir para moldar cidadãos, ou uma história contada com nome de grandes homens.

Há, sem dúvida, alguma verdade nesta caracterização, mas, no entanto, oferece também uma versão simples do que estava acontecendo e sendo desenhado, como tantas vezes na história da educação, em pronunciamentos públicos e declarações oficiais, misturando uma série de questões diferentes. (LEE, 2016, P.110)

Lee (2016), expõe que a história é uma forma pública de conhecimento e resolução de uma tradição metacognitiva. Ele enfatiza que a história é contra intuitiva e que entendê-la envolve a mudança ou o desapego de ideias cotidianas que tornam o passado inconcebível, ou seja, a história para o autor não deve ser estagnada, nós como professores devemos usar o que o aluno já sabe e com isso fazer com que ele reflita mais além do que já conhece a partir de uma aula de história.

É somente quando as crianças abandonam a suposição de que as pessoas no passado viam o mundo como nós, que a história se torna significativamente possível para eles. Portanto, eles devem substituir ideias contraintuitivas por compreensões do senso comum do seu cotidiano. (LEE, 2016, p.117)

Também o autor nos aponta que o ensino de história envolve o desenvolvimento de um aparato conceitual que permite a história seguir em frente, ao contrário de imobilizá-la, fazendo com que haja uma transformação do estado de conhecimento do passado para um conhecimento histórico. Neste sentido, Lee (2016) afirma que é possível nos darmos conta de pelo menos um pouco do que é história “um provisório conceito de literacia histórica”, como aprendermos a ter uma noção de compreensão disciplinar histórica e como o desenvolvimento de uma imagem do passado, que permite que os alunos se orientam no tempo.

Segundo Lee (2016) a importância da literacia histórica para crianças e adultos é de transformar ou abandonar hábitos de pensar com base em pensamento em apenas um momento, enxergar como as formas como a história pode transformar o mundo.

A Educação Histórica não deve apenas confirmar formas de pensar que os alunos já têm: ela deve desenvolver e expandir seu aparato conceitual, ajudar os alunos a verem a importância das formas de argumentação e conhecimento e assim permitir que decidam sobre a importância das disposições que fazem essas normas atuantes. Ela deve desenvolver um determinado tipo de consciência histórica – uma forma de literacia histórica – tornando possível ao aluno experimentar diferentes maneiras de abordar o passado (incluindo a história) incluindo a si mesmo como objeto de investigação histórica. A história pode ser entendida, como outras formas públicas de conhecimento, como uma tradição metacognitiva, na qual pessoas têm lutado há tempos para torná-la uma prática possível. (LEE, 2016, p.140)

Lee (2016) defende a ideia de que a história não serve apenas para confirmar o conhecimento prévio que o aluno possui, mas ela deve ir além disso. Ou seja, o estudante deve a partir de uma aula de história chegar a uma consciência histórica. Essa consciência o

aluno obteve quando explorou outras formas de interpretação sobre o passado, o que traz a possibilidade de orientar-se no presente.

7. MÉTODO DE AULA E RESPOSTAS DOS ALUNOS

Nos tópicos anteriores foram apresentadas algumas discussões sobre cultura, cultura juvenil e aprendizagem histórica. Estas discussões nos auxiliaram no planejamento e execução de uma aula oficina sobre História de Foz do Iguaçu a partir do uso de músicas. Nesta parte do presente trabalho iremos abordar como foram realizados as aulas e os métodos que usamos para retratar a história de Foz do Iguaçu. Neste sentido, com o apoio de uma professora de um colégio público da região ofertamos duas aulas com o seguinte tema: História de Foz do Iguaçu.

Em um primeiro momento, baseando-se nas ideias de Freire (1996), tínhamos a preocupação em tomar como ponto de partida o que os alunos sabiam sobre a história da cidade. Como nosso tema também aborda o uso da música com fonte histórica, usamos duas canções de dois grupos brasileiros de gêneros diferentes: *nego drama* do grupo Racionais Mc's¹⁰ e *protesto* do grupo de rock Charlie Brown Jr¹¹.

Depois de termos apresentado as músicas aos alunos, conversamos um pouco sobre como a música pode influenciar as pessoas ou como ela pode estar fazendo uma crítica a um determinado momento histórico (RIBAS, 2015). Para usarmos o conhecimento prévio dos discentes para elaborar a próxima aula, pedimos indicações de músicas que falassem sobre fatos históricos, porém, deveriam ser canções na qual eles estavam familiarizados.

Em seguida, pedimos aos alunos para que fizessem uma carta fictícia, imaginando que estariam relatando a história de Foz do Iguaçu para um amigo ou familiar que tinha o desejo

10 Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988, é formado pelos mc's Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay. É o maior grupo de Rap do Brasil e está entre as bandas mais influentes do país. Suas canções demonstram a preocupação em denunciar a destruição da vida de jovens negros e pobres das periferias brasileiras e o resultado do racismo e do preconceito, ao sustentarem a miséria diretamente ligada com a violência e o crime. Temas como a brutalidade da polícia, do crime organizado e do estado, bem como o preconceito, as drogas e a exclusão social são recorrentes nas letras do conjunto. Disponível em: (<https://www.youtube.com/playlist?list=PL6dxUkuiSDIP0ypoz0BdyCR0Zql2pTSph>) Acesso em: 05 dez. 2018.

11 # Charlie Brown Jr. foi uma banda brasileira de rock formada em Santos no ano de 1992. As canções da banda misturavam vários gêneros musicais como o hardcore punk, reggae, rap, rock alternativo e skate punk, criando assim um estilo próprio e original. Suas letras faziam diversas críticas à sociedade, além de uma abordagem da perspectiva do universo jovem contemporâneo. Todos os membros da banda eram naturais da cidade de Santos, exceto o vocalista Chorão, que nasceu em São Paulo. Disponível em: (POR LINK) Acesso em: 05 dez. 2018

de saber como era a cidade. Após isso elencamos as respostas que falavam sobre problemas históricos da cidade na opinião dos discentes.

Tabela 1: Seleção de algumas das respostas dos alunos sobre os pontos negativos do município de Foz do Iguaçu

<p>Aluno 01</p>	<p>[...] tem se tornado famosa pelo fato de vários vereadores presos; Foz do Iguaçu é uma linda cidade, apesar de não ter a estrutura devida para uma cidade turística... a cidade apesar de não ter indústrias é fonte de muitos trabalhadores, várias lojas principalmente na região da vila portes [...]</p> <p>A cidade em si não é muito perigosa e com muita criminalidade, mas a população na maioria tem uma mente muito fechada e muitos preconceitos, mas aconteceu em vários lugares. Foz pode agradar a muitas pessoas, já outros não veem a hora de sair daqui.</p>
<p>Aluno 02</p>	<p>[...] como também não temos muitas oportunidades de emprego para os jovens, nem para pessoas que vem de lugares para conseguir uma vida muito melhor da cidade de onde veio... em meu ponto de vista como habitante de Foz do Iguaçu o governo deveria melhorar na educação, saúde, segurança e o presidente em desempregos para jovens que após sair do colégio ou em empregos estão no seu está nas drogas infelizmente isto é o Brasil que todos conhece e a sociedade ainda cresce falando que a culpa é da família <u>será mesmo que acho que é da má administração de governo e presente que pensa em si mesmo e não no povo brasileiro.</u></p>
<p>Aluno 03</p>	<p>[...] com uma enorme frustração algumas pessoas acabam indo embora da cidade sendo que com a enorme dificuldade de trabalho já não há mais condições de morar aqui.</p> <p>[...] o que deixa a desejar ultimamente e que a cidade ainda “perigosa” em questão de assalto tanto nas ruas quanto nas casas e conseguir emprego é difícil se você não fala outro idioma fora isso os ônibus sempre lotados as emburacadas.</p> <p>[...] é uma cidade muito boa para se morar, é preciso melhorar algumas coisas, como a segurança.</p>

Fonte: Dados do Pesquisador, 2018.

Analisando essas respostas, começamos a elaboração do plano de aula da segunda intervenção. Das vinte cartas da primeira aula, nenhuma mencionou algo sobre as periferias da cidade. Alguns até afirmaram em sala não existir periferia onde eles viviam ou não sabiam os nomes das comunidades do município. Com os dados que nos foram apresentados

elencamos a música¹²*Presidentes Mortos*, do rapper Choice¹³, por estar mais próximo ao nosso tema de trabalho.

Na segunda intervenção didática, preparada a partir dos dados levantados no primeiro encontro apresentamos e debatemos a música escolhida, realizando um debate com as imagens e alguns trechos dos textos de Manarin e Catta. A partir desta intervenção, os alunos começaram a refletir sobre diversos assuntos que não tinham sido descritos nas primeiras cartas. Também usamos alguns pontos das ideias de Myskiw (2011), sobre os relatos de José Maria de Brito que participou da colônia militar de Foz do Iguaçu.

Seguem alguns dos trechos escritos pelos alunos na reescrita da carta.

Tabela 2: Seleção de algumas das respostas dos alunos sobre as periferias do município de Foz do Iguaçu

Aluno 04	A música mostra um pouco da realidade que as pessoas da periferia sofrem, com o preconceito, muitas vezes eles não tem um emprego, porque a sociedade diz que tem que ter estudo em escolas particulares, isso que os jovens da periferia não tem um estudo de boa qualidade.
Aluno 05	Hoje em dia cidade tem sua parte boa e não, mais parte boa e para quem tem dinheiro pois tem condição para manter sua vida saudável e em Foz e já povo de periferia sofre mais pois posto de saúde demora atender povo que precisa espera, e já para jovem não tem emprego pois foz não tem empresa e maioria da lojas já tão cheia. O povo da periferia e mais sofre sabe pois condições deles não é muito boa pois mais maioria mora na terra invadida.
Aluno 06	A música que ouvimos, mostra um pouco da realidade que as pessoas da periferia enfrentam no dia a dia... Foz do Iguaçu tem muitos exemplos de periferia, que são bairros mais afastados do centro, onde tem violência, preconceito mais tem pessoas do bem também. Periferia é um lugar, onde pessoas que não tem condições de comprar uma casa vivem, com dificuldades, sem água encanada e sem luz.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2018.

Com as respostas da segunda aula é possível perceber que o termo periferia, que até então não tinha aparecido na fala dos alunos, passou a ser exposto pelos alunos, porém, os que perceberam que isso era um problema histórico e que não havia sido debatido nas primeiras cartas não foram os mesmos que relataram isso na segunda intervenção didática.

12 Os alunos indicaram várias músicas, escolhemos a que mais se relacionava com o tema proposto.

13 Choice é um *rapper* brasileiro, cria das batalhas de *freestyle*, principalmente a Batalha do Tanque – São Gonçalo, RJ, MC Choice vem surgindo cada vez mais na mídia com seu flow, ideias avançadas e críticas à sociedade. Disponível em: (<https://genius.com/artists/Choice>) Acesso em: 05 nov. 2018.

Muitos deles desconheciam o significado da palavra ou associavam que em Foz do Iguaçu não existia periferia. Alguns citaram exemplos de zonas periféricas, porém, bem distante da realidade em que eles vivem como, por exemplo, comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro.

Neste sentido, vemos que os alunos foram capazes de interpretar diversas fontes históricas (fotos, música, textos), e que puderam associar esta interpretação a sua realidade, ou seja, antes da aula eles tinham uma interpretação das questões levantada em aula. Porém, vemos uma diferença na segunda carta que foi refeita pelos discentes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou usar a música como fonte histórica, buscando avaliar se o uso deste material, como fonte de apreensão histórica, proporcionaria o desenvolvimento de atribuições de sentido, para uma melhor aprendizagem em um tema específico de suas realidades cotidianas: formação das periferias de Foz do Iguaçu.

Trabalhar a música como cultura juvenil e cultura primeira por intermédio de fontes históricas possibilitou perceber a música como um elemento de aprendizagem, os alunos nos indicaram músicas que falavam sobre problemas históricos do seu próprio conhecimento. Com essas canções fomos capazes de elaborar as aulas seguintes o que, por exemplo, foi satisfatório para os alunos por terem relatado estarem ouvindo uma música que não é comum ouvir no cotidiano escolar. Oportunizar aos alunos a possibilidade deles mesmos selecionarem a fonte histórica a ser analisada, foi uma forma de colocá-los como protagonistas da história, que é a base da educação significativa.

Vimos que a medida em que a primeira intervenção didática decorria os alunos se sentiram bem à vontade diante do tema, motivados, participativos, atribuímos isso ao uso de uma linguagem mais próxima ao que eles estão habituados. A escola não precisa ser um espaço fora da realidade do aluno, mas sim, algo que parta dos mesmos.

Entretanto, os alunos desconheciam o termo periferia ou disseram que não existia favela em Foz do Iguaçu. Mas, através de perguntas feitas oralmente em sala como, por exemplo, se eles conheciam o bairro Jardim Jupira que é uma parte isolada de Foz; a comunidade do Queijo, localizada na região sul da cidade; ou até mesmo o conjunto habitacional Grande Lago, que é mais conhecida como Carandiru e fica na região da escola em que foram realizadas as aulas, a maior parte dos estudantes começaram a fazer

associações, apresentar questionamentos e fazer reflexões sobre estes espaços, que era o principal objetivo da oficina.

Já na segunda intervenção, retomamos os pontos negativos que apareceram nas primeiras cartas. Em seguida visualizamos que os alunos falaram muito sobre a falta de emprego que existe no município. Perguntamos aos discentes quais são essas pessoas que enfrentam esse tipo de problemas, se existe periferia em Foz, o porque não foi relatado periferia nas cartas produzidas pelos mesmos. Depois destes questionamentos, foi apresentados elementos da história da cidade e como este processo gerou diversos problemas históricos e sociais, como a periferia. Também se utilizou fotos da cidade na época da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, porém, não mencionou-se as datas das imagens, solicitou-se que eles separassem as fotos em ordem cronológica por meio da interpretação deles. Com facilidade identificaram que as imagens eram de Foz, entretanto perceberam que com o passar do tempo havia uma certa modernização, eles destacaram que nas fotos mais antigas não havia ruas asfaltadas e vilas como nas fotos mais recentes.

Também utilizamos em sala, como fonte histórica para análise, fragmentos de duas teses para exemplificar como as periferias de Foz do Iguaçu foram geradas. Uma destas teses era de um professor do próprio colégio, o que cativou os alunos que puderam ver o próprio professor não apenas como um educador, mas também como um pesquisador.

Quando trabalhamos com a música escolhida pelos alunos percebemos que os estudantes começaram a associar problemas históricos sociais da música às discussões antes feitas sobre as comunidades da cidade. Com isso, pedimos aos discentes que refizessem a carta e que abordassem o tema que antes eles não haviam percebido, como se pode perceber do fragmento abaixo:

A música que ouvimos, mostra um pouco da realidade que as pessoas da periferia enfrentam no dia a dia [...] Foz do Iguaçu tem muitos exemplos de periferia, que são bairros mais afastados do centro, onde tem violência, preconceito mais tem pessoas do bem também. Periferia é um lugar, onde pessoas que não tem condições de comprar uma casa vivem, com dificuldades, sem água encanada e sem luz. (ENTREVISTA, 2018, dados do pesquisador)

Com o uso da música como fonte histórica, notamos que as abordagens das primeiras cartas em relação a segunda intervenção didática foram diferentes. Mesmo que não tenham sido os mesmos alunos que tiveram a percepção sobre periferia, no segundo momento, a música foi capaz de despertar esse olhar para um tema que antes não tinha sido constatado. Neste sentido, vimos que é possível usar a música como fonte histórica, principalmente sendo escolhida pelos alunos. Pois no método que utilizamos, observamos que quando tomamos

como ponto de partida algo da realidade dos alunos que no nosso caso foi a música, os alunos participaram mais do que na primeira intervenção tanto pela canção, como pelas imagens da sua cidade e citações da tese do professor da escola.

Em vista dos argumentos apresentados, para poder haver uma atribuição de sentido é preciso que tanto o professor e o aluno tenham a possibilidade de construir a aula juntos. A experiência na realização das oficinas e da atividade nos proporcionou observar que a forma que os alunos interpretaram as fontes históricas que apresentamos principalmente a música houve de fato uma atribuição de sentido partindo da realidade do discente como na escolha da música tema abordado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTA, Luiz Eduardo. **O cotidiano de uma fronteira**. Florianópolis, 1994.

CARDIN, Eric. **Laranjas e sacoleiros na tríplice fronteira**: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GARCIA, T. M. F. B.; ROSÁRIO, H. B. **RAP na aula de História**: uma abordagem didática a partir da Educação Histórica. In: VII Encontro Nacional 'Perspectivas do Ensino de História', 2009, Uberlândia. Anais do VII Encontro Nacional "Perspectivas do Ensino de História". Uberlândia: EDUFU, 2009. v. 1. p. 1-10.

LEE, Peter. **Literacia histórica e história transformativa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.

MANARIN, Odirlei. **Peões da Barragem**. Memória e relações de trabalho dos operários da construção da hidrelétrica da Itaipu- 1975 a 1991. Marechal Cândido Rondon. 2008.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem**: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888/1907). Guarapuava: Unicentro, 2011.

RIBAS, Cristina. **O uso da música como fonte histórica no ensino de história**. Paraná 2015.

SNYDERS, Georges. **Alegria na escola**. São Paulo: Ed. Monoele, 1988.

Apêndice - Planos de Aulas



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA CURSO DE HISTÓRIA – GRAU LICENCIATURA

Disciplina: TCC **Turma:** 2018.2
Professor: Tiago Sanches **Data:** 10.10.18

NOME: ALEXSSANDRO APARECIDO DOS SANTOS
DATA: 30-09-2018
HORÁRIO: NOTURNO
LOCAL: COLÉGIO FLÁVIO WARKEN

1. TEMA: MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: a cultura juvenil no processo de ensino e aprendizagem

2. OBJETIVOS: é fazer uma análise da aprendizagem dos estudantes do ensino público analisando a cultura juvenil, a partir dos estilos musicais que os alunos ouvem. Na nossa sociedade o jovem ouve música durante grande parte do seu dia, desde o trajeto de sua casa até a escola, e até quando está na sala de aula. Nossa análise consiste em observar como a cultura juvenil que vem a ser influenciada pela música pode contribuir com o aluno a ter uma percepção diferente em uma aula de história e que essa por sua vez tenha sido ministrada com uma música que ele mesmo escolheu o que pode ocasionar uma atribuição de sentido a essa aula.

3. JUSTIFICATIVA: A música como elemento da cultura jovem na problematização da realidade social da cidade.

4. CONTEÚDOS MOBILIZADOS:

- Música

- Construção da Itaipu
- História das periferias de Foz do Iguaçu

5. DESENVOLVIMENTO/ROTEIRO:

- Vão ser ministradas três aulas;
- No primeiro momento iremos apresentar a proposta e iremos apresentar algumas definições de música. Também iremos passar uma música de nossa escolha para que eles entendam a proposta.

Após isso iremos fazer um questionário com as seguintes perguntas:

Músicas a ser apresentadas: música introdutória protesto (Charlie Brown) negro drama (Racionais Mc's)

1. Qual estilo musical você ouviu?
2. Você conhece alguma música relacionada a história?
3. O que você conhece da história de Foz do Iguaçu?

6. METODOLOGIA DE ENSINO: aula oficina a partir da autora Isabel Barca.

7. RECURSOS DIDÁTICOS:

- Caixa de som
- Imagens da cidade de Foz do Iguaçu
- Música

8. SÍNTESE INTEGRADORA / AVALIAÇÃO:

- Apresentar questões sobre o tema para auxiliar os alunos na elaboração de uma narrativa buscando avaliar o que o aluno aprendeu com nossa proposta de aula.
- Pedir aos alunos fazerem uma carta.
- Quando Foz foi fundada? Como? Por quem?
- Como era ela antes de ser fundada?
- Como ela é hoje e como ela vai ser no futuro?

PLANO DE ENSINO 02 – OFICINAS DE HISTÓRIA Roteiro para aula dia 07.11.2018

1. No primeiro momento iremos passar a música escolhida pelos alunos Presidente mortos (part. Coruja Bc1) Choice.

2. Em seguida iremos falar sobre os pontos ruins da cidade que eles colocaram na carta que eles escreveram.

Respostas dos alunos sobre pontos negativos em Foz do Iguaçu a partir das repostas dos alunos:

tem se tornado famosa pelo fato de vários vereadores presos;

Foz do Iguaçu é uma linda cidade, apesar de não ter a estrutura devida para uma cidade turística... a cidade apesar de não ter indústrias é fonte de muitos trabalhadores, várias lojas principalmente na região da vila portes...

A cidade em si não é muito perigosa e com muita criminalidade, mas a população na maioria tem uma mente muito fechada e muitos preconceitos, mas aconteceu em vários lugares. Foz pode agradar a muitas pessoas, já outros não veem a hora de sair daqui.

... como também não temos muitas oportunidades de emprego para os jovens, nem para pessoas que vem de lugares para conseguir uma vida muito melhor da cidade de onde veio... em meu ponto de vista como habitante de Foz do Iguaçu o governo deveria melhorar na educação, saúde, segurança e o presidente em desempregos para jovens que após sair do colégio ou em empregos estão no seu está nas drogas infelizmente isto é o Brasil que todos conhece e a sociedade ainda cresce falando que a culpa é da família será mesmo que acho que é da má administração de governo e presente que pensa em si mesmo e não no povo brasileiro.

com uma enorme frustração algumas pessoas acabam indo embora da cidade sendo que com a enorme dificuldade de trabalho já não há mais condições de morar aqui.

o que deixa a desejar ultimamente e que a cidade ainda “perigosa” em questão de assalto tanto nas ruas quanto nas casas e conseguir emprego é difícil se você não fala outro idioma fora isso os ônibus sempre lotados as emburacadas.

é uma cidade muito boa para se morar, é preciso melhorar algumas coisas, como a segurança.

Perguntas a partir das repostas

A. Quem tem mais dificuldade de trabalho? Todos têm essa dificuldade?

B. Na história de vocês não apareceu periferia existe periferia em Foz?

C. Por que vocês não colocaram periferia na carta de vocês?

D. Agora nós vamos falar um pouco sobre a história de Foz Como Foz do Iguaçu se tornou uma grande cidade com problemas sociais como a periferia?

3. Depois iremos distribuir fotos da cidade de Foz do Iguaçu, dando uma aula de história de Foz do Iguaçu a partir dos textos de Odirlei e Catta. Em seguida pediremos aos alunos colocar em ordem cronológica as imagens que eles receberam.

Em 1974, Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná, era uma cidade quente e poeirenta, com apenas duas ruas asfaltadas e cerca de 20 mil pessoas assustadas com o movimento humano que começava a perturbar seu ritmo pacato de viver. O impacto pode ser mensurado pelo crescimento vertiginoso da população urbana no município: em 1970, Foz do Iguaçu tinha 20.147 habitantes; dez anos depois. A população havia quintuplicado: 101.447 pessoas. As notícias da construção da hidrelétrica e o desembarque em massa dos primeiros contratados para trabalhar na linha de frente do projeto, ao mesmo tempo que encantavam, deixavam a cidade polvorosa. (MONTEIRO, op. cit. p. 58 apud MANARIN, 2008, p.37)

Tentando focalizar sua história numa perspectiva panorâmica, dentre tantos acontecimentos que se mesclaram com o passar do tempo, e que deixaram suas marcas indeléveis em todo o contexto da cidade, nenhuma a nosso ver, teve tanta importância como o marco espaço-temporal representado pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu entre os anos de 1973 e 1991, que significou entre outras coisas, o início de uma sistemática destruição de todo um acervo cultural criado, conquistado por seus antigos moradores; a atração de milhares de trabalhadores de diversos lugares e que deixou, em seu estertor, um contingente imenso de desempregados ou sub-empregados, cuspidos que foram da empresa com o término das obras, e que passaram a buscar alternativas de trabalho na cidade. (CATTA, 1994, p.4,5).

Deserdados e aventureiros, passaram a se aglomerar em favelas, que proliferaram-se não apenas na periferia da cidade, mas também nas áreas centrais, ou bairros populares, sem infraestrutura básica, que pelo seu crescimento e pela vida própria que tomavam, surgiam como uma ameaça às elites e à população bem-nascida de Foz do Iguaçu. (CATTA, 1994, p.,5).

4. Por último iremos pedir aos alunos que refaçam as cartas relacionando: a música com a aula que lhes foi apresentada.